

A DISCUSSÃO

SEMENARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—S. MIGUEL

Proprietario e Editor

JOSÉ MARQUES DA SILVA E COSTA

IMPRESA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 21 de setembro

A situação

Vejam a imprensa chamada da opposição, e, lendo-a encontram feito o elogio do governo. Descompondo-o, dizem mais e melhor, em seu louvor, do que nós podíamos fazer com toda a nossa dedicação.

Em primeiro lugar temos o «Correio da Noite», que, pela posição que occupa na imprensa, merece a primeira referencia.

Esse, dando de chapa com as contas do thesouro, na comparação dos periodos de 31 de julho a 31 de maio dos annos de 1900 e 1901, volta a cara, contrariado, como no «Fausto» faz o Mephistopheles quando lhe apontam a cruz.

E lá foi para um canto, onde esteve a tomar alento, até que surtiu de novo, mas não para discutir, mas não para apontar erros, mas não para notar omissões, mas para contestar por negativa, como faz qualquer advogado sóm-nos, sem sciencia nem consciencia, que o que deseja é, sem trabalho, ganhar o dinheiro do seu pobre constituinte.

E não de vêr que fica sempre na mesma, deante d'aquella grande pouca vergonha, que consiste em o governo ter conseguido, pela sua administração, metter no thesouro quasi tres mil contos de réis, augmentando as receitas e diminuindo as despesas!

Segue-se, como orgão de patrulha, o «Illustrado». Esse, apesar de possuir financeiro em reserva, não entra pelas cifras, como quem foge de aguas quentes que escaldam. E' muito mais facil um artigo de politiquice, e arrumalhe, no numero de hoje, com duas columnas d'ella, accusando o snr. Hintze de fazer partidarismo, como se isto não fosse o dever dos chefes politicos, quando empreguem meios decentes e honestos, como os que se tem empregado, até quando os melhores logares que vagavam eram dados áquelles que já ao tempo, como muito a claro, se presenceava, andavam fazendo as malas para irem por

ahi fóra, de longada, no caminho da aventura.

Depois vem o «Janeiro», especie de *feliz independente* do Padre Theodoro d'Almeida, que também não é para combates orçamentaes, e esse «Janeiro» censura o governo pela escolha dos candidatos regeneradores pelos circulos do Porto, vindo a entender na sua que a grande cidade sómente se representa bem quando os candidatos são assim da structura do snr. Correia de Barros, que por muitos annos foi o typo classico do deputado progressista pela capital do Norte!

Ainda ha outras gazetas que gritam, declamam e bedelham, mas aquellas a que fazemos referencia especial são o modelo das outras, e, uma vez apurada a sua attitude encontra-se feito o apuramento geral.

Não é assim?

Parece-nos que é, porque nós não inventamos. Lemos o que ellas dizem, fizemos o respectivo extracto, e tiramos a conclusão.

Conclusão que é esta: que um governo que melhora extraordinariamente as condições financeiras do paiz, sem que os seus adversarios possam produzir uma contestação seria, que valha alguma coisa, é um governo que se está rindo da opposição que lhe fazem.

E quando se chega a esta situação, que é a melhor de todas para qualquer governo, os que brincam com facciosismos de officio e os que choram alto, em frente do grande publico, as suas decepções, estão representando, sem darem por isso, a comedia da sua decadencia.

De taes adversarios tomára o governo mais, e, se elles se multiplicassem, podiam constituir o grande corpo coral, dos seus hymnos e das suas hossanas.

Continuem assim, que no meio das suas vozes as condições do governo chegam a tornar-se invejáveis.

De relance pelo concelho

Ainda bem que uma vez podemos, com seriedade, responder ao «Ovarense», que um momento de bom humor fez dizer uma indiscutivel verdade.

O municipio, diz o «Ovarense», não tem dinheiro; as receitas tendem a diminuir porque o imposto municipal, o melhor dos seus rendimentos, não se podendo cobrar sem questões difficilimas de rezolver por não haver lei clara que as regule, decrescerá, emquanto que os encargos obrigatorios tendem a amontoar-se em consequencia da falta de creditos para o seu pagamento.

Ora, continúa aquelle jornal, diminuindo as receitas e aggravando-se os encargos, impossivel se torna uma boa administração.

Assim é. O municipio foi entregue aos seus actuaes dirigentes com um importantissimo deficit que bem poderia e deveria estar pago com as receitas extraordinarias, conseguidas pelas vereações transactas, mas que, infelizmente, ainda o assoberba, collocando em graves difficuldades os seus administradores que, desejando furtar-se á rotina dos antigos processos, buscam n'um rasgado plano financeiro, se lhes não fôr tolhida a acção pelas estações superiores, salvar os municipes da consequencia de que o «Ovarense» se arreceia—o lançamento de impostos.

Ninguém pensou, e nem no programma do partido regenerador tal medida está no lançamento de impostos directos emquanto aos municipios forem permittidas as actuaes, embora escassas, fontes de receita. Ha meios bem viaveis para melhorar e dotar o municipio dos indispensaveis melhoramentos materiaes de que tanto carece sem necessidade de recurso a tal extremo.

A camara actual apenas tem nove mezes de existencia e não é em tão curto prazo que se delinea e põe em prática um vasto plano administrativo e financeiro.

O tempo dirá.

Emquanto a estradas, queixa-se o «Ovarense» de que não se concerta a estrada da igreja, aos Pellames. Ora a vereação actual, merecendo-lhe especial attenção a reparação das estradas municipaes, não tem descurado este assumpto; e, seguindo essa ordem de idéas, tem dado as mais terminantes ordens para que sejam reparadas as estradas de Pereira, do Pachadouro, da Fonte, do Furadouro, do Sobral (estrada de Tario), grande porção da de S. Vicente, que todas ficaram em deploravel estado. Não tem esquecido nem esquecerá a que da Igreja vae aos Pellames cujo empedramento ficou tão perfeito e com tal espessura que, em dois annos, se rompeu por completo não obstante o transito de carros não ser demasiado; mas reconhece que, achando-se em bom estado a estrada, que directamente dá para a estação dos caminhos de ferro, por onde facilmente se podem fazer transportes, bem pôde aquelle esperar por algum tempo até que se

acabem as reparações de maior necessidade e urgencia. Já se encontrava no estado lamentavel na verdade, em que hoje se vê aquella estrada quando em estado analogo estava a que da Praça vae á estação; e comtudo as vereações transactas, sem a justificação de reparos de outras estradas a seu cargo, porque poucos ou nenhuns se fizeram, nem por isso se lembraram de para ella volver os seus misericordiosos olhos. Porque não lhes aconselharia então o «Ovarense» a sua reparação? Altos segredos da... politica.

AGRADECIMENTO

A familia e parentes do finado Francisco Joaquim Barboza de Quadros, extremamente penhorados para com todas as pessoas que lhes apresentaram os seus cumprimentos de pezames e condolencias por fallecimento d'aquelle, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, testemunhar o seu reconhecimento.

Ovar, 20 de setembro de 1901.

NOTICIARIO

A festa do mar

Começa a sentir-se na praia do Furadouro a movimentação propria da festa do mar e já o zabumba fere desapiedadamente os ouvidos dos banhistas, innocentes victimas de tão antiga barbaria.

Aqui e alli, a cada canto acampam os portadores dos tableiros das roletas, dos pipos, da *vermelhinha* e dos *bazares volantes*, essa cohorte de pequenos jogos de azar de feira que, logrando escapar-se á malha do decreto prohibitivo, se exhibem em publico. Uma chusma de rapazotes que, voltados já de pernas ao ar, não deitam uma de X., mas que se extasiam perante o bandido e lendario palavriado dos *banqueiros*, sempre aptos para extorquirem aos papalvos, aos incautos, algumas moedas de cobre, d'elles se acercam no illudivel desejo de vêr ganhar os outros.

Os cegos e não cegos, especie de avalanche de artistas que invadem os arraiaes, cantando uns, outros tocando, progridem na sua faina, fazendo ouvir os melodiosos sons das suas *citharas* de conjuncto com o suave gorgeio de suas gargantas ante as casas dos banhistas onde lhes parece melhor colheita obter.

Os mastros, symbolo da festa que se approxima, já se acham içados e

altaneiramente postados nos logares do estylo; e pelas ruas *Commercio do Porto*, *Bombeiros Voluntarios*, fronteiras ás duas capellas da *Piedade*, alguns pescadores mercenários, após a faina do mar, abrem, de alavanca em punho, as covas aonde, muito em breve, serão arvorados os *mastaréos* destinados a receber as cordas da illuminação.

Tudo trabalha, tudo se activa, tudo se movimenta. Chegam as botequineiras e disputam recommendações afim de conseguir os logares que julgam mais apropriados para levantar as tendas, aonde altas horas da madrugada, os romeiros após a esturdia, hão-de saborear o *cafe-dorío* da inextinguível panella de barro.

Os encarregados da *festança* correm azafamados de um para outro lado, dando ordens, e fiscalizando o exacto cumprimento dos contractos verbaes que firmaram com o armador, com o fornecedor das illuminações, com o pyrotechnico com todos enfim os que tomam parte assalariada na festividade.

O *Cerveira*, cujo hotel se acha á cunha, ao mesmo tempo que manda abater por sua conta um boi, arreata quanto peixe as rédes podem colher e monta, extraordinariamente, uma succursal aonde os hospedes possam pernoitar os tres dias dos festejos.

Os pescadores, na fagueira esperança de colher algum pescado com cujo producto possam obter uma regular partilha na vespera, lá se atiram, de manhã cedo, ao grande oceano em demanda do que a maior parte das vezes não colhem e quantas occasiões com grave risco da vida.

Todo este azafama, esta movimentação fóra do vulgar, imprime uma nota alegre á praia que muito compraz aos banhistas e tudo faz convencer de que a festa do mar em honra do Senhor ou da Senhora da Piedade, (para ninguem descontentar) será de *arromba*.

Fallecimentos

Finaram-se no dia 16 do corrente os snrs. Francisco Valente, melhor conhecido por Francisco Russo, pae do acreditado commerciante em Villa Nova de Gaya, João Rodrigues Valente Perfeito, e Antonio Augusto Soares da Costa, neto do nosso velho amigo Francisco José Soares da Costa.

Os funeraes, que tiveram logar no dia seguinte, foram bastante concorridos, assistindo ao do primeiro

um piquete de bombeiros voluntarios, de cuja associação o finado era socio auxiliar.

Tambem n'esse mesmo dia á estação dos caminhos de ferro d'esta villa, chegou no comboio *omnibus* das duas e meia da tarde, vindo do Porto, em cuja cidade na vespera havia fallecido, o corpo da esposa do nosso amigo e assignante Manoel Augusto d'Oliveira Ramos, socio da importante fabrica de molduras, com séde na freguezia de Campanhã, d'aquella cidade. A fallecida era nora e cunhada dos nossos amigos Francisco d'Oliveira Ramos, Manoel d'Oliveira Ramos Junior e Francisco Maria d'Oliveira Ramos.

—No dia 19 finou-se tambem em sua casa de S. Pedro d'esta villa, o commerciante e nosso amigo Francisco da Fonseca Soares, irmão e sogro dos snrs. Domingos, Manoel e Antonio da Fonseca Soares e Manoel Augusto d'Oliveira Salvador.

Seu funeral realisou-se na manhã de sexta-feira, sendo muito concorrido.

—Na tarde de terça-feira ultima, succumbiu em Aveiro, aos effeitos da terrível tuberculose, a ex.^{ma} snr.^a D. Amelia da Cunha e Costa Machado, virtuosa filha, esposa e cunhada dos nossos bons amigos dr. Elmano da Cunha e Costa, João Augusto de Moraes Machado e dr. Ildefonso Marques Mano.

O funeral da infeliz senhora, que apenas contava 27 annos de idade, realisou-se no dia seguinte, sendo extraordinariamente concorrido e acompanhado pelos bombeiros voluntarios e sua banda.

Enviamos sentidos pezames a todas as familias enlutadas.

Festividade

Domingo, segundo nos consta, terá logar a festividade do Archanjo S. Miguel na sua ermida, sita no largo do mesmo nome.

No mesmo dia e no mesmo local effectua-se a feira do mesmo nome, que costuma ser muito concorrida.

Bento da Costa

Este cavalheiro acaba de ser encarregado pelo ministerio do reino de syndicar da legalidade dos diplomas dos professores primarios, segundo o affirma o nosso collega *Districto d'Aveiro* na seguinte local:

«O snr. Bento da Costa, digno inspector de instrucção primaria n'este districto, na visita a que anda procedendo nas escolas d'esta cir-

commigo por evitar-lheos incommodos d'uma longa viagem, parti só.

Durante os primeiros dias do meu isolamento vivi ralado de saudades: mas o tempo tudo cura, especialmente quando é ajudado por um rosto bonito.

Foi o que me succedeu.

Conheci Marianna Silva e logo me enamorei d'ella: por largo tempo tentei seduzil-a, mas ella inabalavel como uma rocha só me fallava em casamento.

Perdi a cabeça e disse um dia que sim.

Arranjei uns documentos falsos e impondo-lhe um rigoroso segredo sobre o nosso enlace, casei com a minha segunda mulher em uma egreja d'aldeia, partindo depois paro o Porto a gozar a lua de mel.

Um bello dia accordei do meu sonho d'amor e comecei a pensar.

Cubri-me de suores frios: era um bigamo!... e a bigamia está prevista pelo codigo .. como livrar-me d'esta?

cumscipção, encontrou, segundo corre, alguns professores com diplomas falsos da sua habilitação profissional, facto que immediatamente communicou, como lhe cumpria, ao snr. director geral de instrucção publica, que deulogo conhecimento do facto ao snr. ministro do reino.

Consta que este acontecimento impressionou vivamente os funcionarios d'aquella direcção geral, e que o snr. ministro do reino, desconfiado de que o facto se tenha dado n'outras partes, encarregára o snr. Bento da Costa de syndicar n'outros districtos da legalidade dos diplomas dos professores e professoras em todo o paiz, começando pelo districto de Aveiro.

E' espinhosa a missão, mas s. ex.^a que é um funcionario intelligente e habil ha de desempenhal-a dignamente.

Consoreio

Ligou-se no domingo passado pelos sagrados laços do matrimonio a snr.^a Emilia Duarte Pereira do Amaral, irmã dos nossos bons amigos dr. José Duarte Pereira do Amaral e Antonio Duarte Pereira do Amaral, com o snr. Manoel Maria Duarte Pereira Seve.

Aos noivos appetecemos lhes um futuro feliz.

Artigo do fundo

E' do nosso collega de Lisboa, *Tar.le*, o artigo que hoje inserimos em primeiro logar do que pedimos venia.

Noticias do Furadouro

Com crescente animação, todas as noites se tem dançado na assembleia d'aquella praia, e, devido aos esforços dos seus directores, tudo tem corrido na melhor ordem. Algumas manhãs faz-se boa muzica e organisam-se jogos de prendas que attrahem á assembleia a maioria dos socios, afim de passarem agradaveis horas.

Algumas familias, que de visita tem vindo áquella praia, teem alli sido recebidas cavalheirosamente, reirando-se muito gratas pelo captivante acolhimento, quer dos directores, quer dos socios da assembleia.

—O pescado tem sido precario, e o mar, por vezes, bastante encapelado. Dias ha, em que as rédes apenas conseguem apanhar caranguejo. Quando apparece alguma sardinha é vendida por alto preço.

Emfim tomei uma resolução.

Parti para Lisboa com Marianna. Dava-se o caso de que Adelaide não conhecia minha irmã, que, como sabes, vivia no Minho.

Marianna não a conhecia tambem: que faço eu?... pedi a Marianna que guardasse o mais rigoroso sigillo sobre o nosso casamento, porque não tendo participado a minha irmã o meu casamento, ia apresentar-lh'a como minha noiva, declarando-lhe mais tarde a verdade, quando ambas se conhecessem bem: como explicação do meu estranho procedimento dei a entender a Marianna que minha irmã seria capaz de cortar as suas relações commigo por não lhe ter communicado as minhas resoluções: segui depois o mesmo processo com Adelaide.

Meu tio Fernando morrera havia um anno deixando-me o melhor de 80 contos de réis, liquidei tudo e uma bella noite annunciei as minhas duas mulheres que continuavam vivendo no mesmo engano, que iriamos viajar.

Quer o peixe miudo quer o peixe grosso que tem apparecido, tem sido adquirido a pezo de dinheiro.

—Na quinta-feira passada, uma troupe de banhistas da praia da Ferreira, entre os quaes nos lembra ter visto o snr. Manoel Simões Archanjo, esposa e filhos, João Ferreira e Sobrinhos, ambos importantes industriaes de Lisboa, José de Castro Sequeira Vidal e mãe D. Maria Castro, Reynaldo Vidal Oudinot e esposa, vieram em digressão pela ria, fazer um passeio até esta praia, jantando no hotel Cerveira e retirando-se ao cahir da tarde d'esse mesmo dia para aquella praia, á excepção de José Vidal e João Ferreira, que seguiram pela via ferrea para Sarrazola, afim de assistirem a um jantar republicano que alli teve logar no dia 19.

—Com a approximação da festa, tem chégado algumas familias, quer para o hotel, quer para casas particulares.

—De Lisboa, veio a familia Soares Guedes, hospedando-se no hotel, e o commendador Manoel Pereira Dias, que, ha dias para alli partira da villa Paraense.

—Já estão quasi concluidas as vindimas, quer do commendador Pereira Dias, quer das quintas que ficam para os lados do Carregal, aonde este anno se deixou amadurecer melhor as uvas.

—O banho, agora é pouco concorrido, por ser a hora muito impropria, pois quem quizer esperar boa maré, tem que o tomar ao meio dia.

—Vae, felizmente, melhorando dos seus incommodos, a ex.^{ma} snr.^a D. Maria da Assumpção, sogra do dr. Augusto Corrêa da Silva Mello. E' seu medico assistente, o dr. Domingos Lopes Fidalgo, illustre clinico d'esta villa.

—Tocou, no ultimo domingo, das das 3 ás 7 horas da tarde, no coreto d'aquella praia, a excellente philharmonica *Boa União*, d'esta villa.

Continuar-se-ha a fazer ouvir nos domingos seguintes.

CORRESPONDENCIAS

Oliveira de Azeméis

(Do nosso correspondente)

Toda a gente suppõe que as praias regorgitam de banhistas, que a vida ahi, deslisa alegre e risonha, no tumultuar elegante da gente que

Fizemos as malas e finalmente uma linda manhã desembarquei no Cairo, onde me apressei a fazer-me mahometano, declarando então toda a verdade ás minhas duas companheiras.

E aqui tens tu como sou casado com duas mulheres...

—E ellas acceitaram philosophicamente a tua explicação? interrompi eu já reconciliado com os mahometanos em geral e com os almofadões em particular.

—A principio esgatanharam-se chamando-me perfido, traidor e outros nomes mais: mas eu ameacei-as com o tomar novas mulheres e fazer-me um harem (já fallava como um turco!...) e ellas escolheram do mal o menor... reconciliaram-se.

Vou fazer-me turco, pensava eu enquanto Gastão me conduzia ao meu quarto; mas em logar de duas mulheres hei de ter quatro.

D. Diogo de Souza Barreto.

FOLHETIM

Um portuguez... turco!

(Continuação)

Duas horas depois achei-me sentado em um dos odiados almofadões, aspirando voluptuosamente o fumo odorifero d'um excellente tabaco, enquanto que Gastão principiava assim:

—Como sabes casei em Lisboa com uma formosa menina, Adelaide de Almeida: foste tu um dos convidados para a cerimonia e viste portanto que o nosso enlace era de puro amor: ella nada tinha e eu apenas contava com a minha posição de engenheiro civil.

Vivemos felizes por alguns mezes, até que me foi dada uma commissão afim de fazer uns estudos para a estrada real de E...

Não querendo levar minha mulher

sabe divertir-se *flirteando* pelas avenidas de dia, e dançando á noite valsas pelos salões—e nós, os que nos condemnamos este anno á paz serena d'estes cemiterios dos vivos, arrastamos o corpo, aos solavancos, por essas estradas fóra, desprende-mo-nos da lida quotidiana da banca, e, n'um dobrar alegre de dedos, atiramos um adeus de despedida ás pessoas que nos são mais caras...

Ahi vamos nós.
E os que sahiram da vida, onde se morre melancolicamente á falta de animação, de vida, de calor, afundam-se na nostalgia serena e resignada das praias,—n'uma nostalgia que lhes dá o aspecto doloroso e doentio d'uma nova Segôr, reduzida á expressão mais simples, pela vindicta do anjo das coleras divinas...

E afinal de contas, a gente pergunta onde é que está essa animação, essa vida, esse calor que era logico esperar por lá, visto que as familias que levantaram o vôo d'estes ninhos de inverno, nos deixaram em lagrimas,—e se não em lagrimas—pelo menos no desconsolo e no mal-estar de quem busca alguma coisa que lhe é essencial á vida!

Aqui e lá é um nunca acabar de spleen.

E, na verdade, se não fossem algumas creaturas que sabem imprimir o *chic* da novidade e o calor da inspiração mesmo á negrura dos sepulchros, onde por momentos rastejasse a fimbria dos seus vestidos claros, morreríamos todos a cabecear com somno, a abrir a bocca de tedio!

Porque desde que o *Dominus Deus aedificavit*, no latim do versículo 20, do capitulo II do *Genesis*, *quam tulerat de Adam, in mulierem* nós devemos tudo á mulher, desde o canto ao oscilar do berço, ás lagrimas no arrefecer do tumulo.

Só nos seus labios ha as orações santas de Ophelia; só no seu coração ha a intensidade do amor de Bettina, só nos seus labios ha a inspiração suave da Laura de Noves.

Foi sempre, em todas as idades e em todos os tempos, a Beatriz encantada de todos os Dantes, a doce Eleonora de todos os Tassos, a Catharina mysteriosa de todos os Camões!

A mulher é o oxygenio—na vida! Só ella tem coragem para as grandes luctas; só ella tem coração para as grandes emoções.

E' pobre a paisagem, se a não domina; é insulsa a poesia, se a não inspira!

Devemos-lhe o respeito e a adoração das santas.

Por isso, se o seu perfil, em que ha a neve das geleiras, a alma dos lyrios, a melancholia da noite e o rosicler da aurora, não avulta sobre a areia que o mar beija, doce e languido, de cabellos esparsos, brancos de espuma,—então adeus praia!

Esse canto das ondas é uma elegia, essas casas de structura elegante, são tumulos do Evangelho!...

Não é praia alegre de gente viva! E' um cemiterio triste de cadáveres insepultos, n'uma hora galvanica! Não ha duvida.

Se não fossem essas doces creaturas, morreríamos a cabecear com somno a abrir a bocca de tedio!

Disse. Acabou.

LITTERATURA

Ballada de amor

O ciúme

Estavam sentados, de mãos dadas, no sofá forrado de seda vsmelha,

posto a um canto da sala que estava mergulhada n'uma sombra discreta. O sol, lá fóra, cahia forte em chapadas de luz quente, não mexia uma folha.

—Ouve lá, disse-lhe elle, quando tu eras mais nova, antes de te conhecer, tu nunca?...

E parou sem continuar a phrase, olhou para ella e tornou:

—Tu nunca?...

Mas ainda não ultimou d'esta vez o pensamento.

—O quê? anda, falla, disse ella, erguendo curiosa os olhos para os d'elle, ternamente.

—Não, não é nada, respondeu elle, é tolice.

—Mas falla, peço-te!

—Não!

—Sim!

E como não respondesse, replicou-lhe:

—Jorge, zango-me se não fallas!

Na pequena meza de charão onde brincavam japonezas com cegonhas mettidas na agua, as chavenas de transparente porcellana da China, em frente d'elles exhalavam um perfume subtil do chá que continham. Elle pegou na chicara, bebeu um golo. A voz da noiva insistiu então.

—Falla, depressa; fazes-me morrer de curiosidade. Tu nunca?...

Responde?

E chegou-se mais a elle, quasi se debruçou sobre o hombro até que por fim os labios poisados no pescoço n'um beijo doce, elle respondeu:

—Tu nunca amaste mais ninguem?

Com um «oh» d'indignação voltou-se para o marido; os olhos encheram-se-lhe de fulgor...

—Anda, falla tu agora, responde, disse Jorge admirado do silencio de sua mulher que tinha baixado a cabeça, muda e grave. As mãos nos joelhos torciam uma das fitas cõr de malva do roupão lilaz que lhe ficava a matar.

Jorge esperou até que inquieto se lhe dirigiu:

—Não queres fallar? Porque?

Levantou-se; deu um passeio pela sala artisticamente decorada, bellos espelhos de Veneza pelas paredes, um piano onde estava abandonada uma Sonata de Bethowen, tapete felpudo onde os pés se lhe enterravam...

Falla, quero-o, Bertha!

Ella apertava mais violentamente o roupão.

—Não me devias perguntar isso, suspirou.

Jorge então:

—Dize, com que então amaste? Bem sei, o teu primo, official de marinha que foi educado comtigo. Já o sabia, não o queres confessar?

E enquanto isto dizia, caminhava de mãos atrás das costas, a olhar para ella, um tudo nada de odio nos olhos, e parou aterrado ao ouvir:

—Sim, é verdade, é verdade...

Tornou-se mais pallido ainda, teve um accesso de colera, e foi sentar-se a um canto, cabisbaixo, incommodado, e entretanto Bertha fallava:

—Olha, não era meu primo. Cantava muito bem. Cantava á minha janella, com uma voz tão terna e amorosa que embalava doce-mente os meus sonhos de mocidade. Cantava ás arvores reverdecidas que, no azul da primavera, agitavam para o ar a folhagem nova. Cantava o perfume das rosas cujo aroma me embriagava como o incenso. Cantava a canção das hervas que ondulam pelos campos.

Com uma ternura infinda, em notas murmuradas, dizia canticos embriagantes como o vinho, fallava-me de relvas fofas e avelludadas onde, de braço dado, passeavamos sem dizer nada, porque o silencio mil coisas diz. Lembrava os beijos que o ar dá na doçura das tardes de

verão, quando o sol se esconde no horizonte distante. Fallava-me triste do primeiro apartamento e cantava triumphalmente o primeiro beijo!

Amava-o porque cantava tão bem que se estava triste bastava ouvir o para ter alegria!

A sua voz punha-me lagrimas nos olhos.

Um dia deixou de cantar; era no outomno e as folhas cahidas, amarellas, dançavam levadas pelo vento sobre elle.

Morreu!

Chorei a sua morte por muito tempo.

Durante o inverno, ia todos os dias depôr uma saudade na sua campa e então ainda me parecia ouvir o seu canto elevar-se até mim!

Ficava então horas e horas ao pé do seu tumulo.

Calou-se, Jorge tinha a garganta secca e os olhos maus.

—Disseste-me só que cantava, nunca fallaste com elle?

—Não, nunca fallei com elle, Jorge, com um nó na garganta, nervoso, replicou:

—O quê? Era assim? Digo-te, Bertha, que tens estado a mangar comigo... o teu amor era um canario.

E Bertha poz-se a rir ao mesmo tempo que mostrava os dentes como perolas e um sorriso lhe alegrava nos olhos.

—Sim, Jorge, meu ciumento, era um canario, amarello como oiro; estava n'uma gaiolla no vão da minha janella, mettido entre tufos de flores.

E ainda a rir-se mais voltou-se para elle com um sorriso:

—Ha occasiões em que não appetee amar-te sempre... n'esta, por exemplo.

Amilcar de Souza.

ANNUNCIOS JUDICIAES

Concurso

(1.ª PUBLICAÇÃO)

A Camara Municipal do concelho d'Ovar, devidamente auctorizada, faz publico que, por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», se acha aberto concurso para o provimento do cargo de thezoureiro municipal d'este mesmo concelho, tendo como vencimento a percentagem de dois por cento da receita pelo mesmo effectivamente cobrada, conforme o disposto no artigo 96.º do Codigo Administrativo.

Os requerimentos, instruidos com os documentos exigidos pelo Regulamento de 24 de dezembro de 1892, devem ser apresentados na secretaria da Camara Municipal, dentro do referido praso.

Ovar, 18 de setembro de 1901.

E eu, Abel Augusto de Souza e Pinho, secretario, que o escrevi. O vereador mais velho, servindo de presidente por haver fallecido o respectivo e no impedimento do vice-presidente,

Francisco Marques da Silva.
(350)

Annuncios diversos

Agradecimento

A esposa, filhos, nora, genros e netos de Francisco Valente, agrade-

cem muito reconhecidos por este meio, visto a impossibilidade de o não poder fazer a cada um individualmente, a todas as pessoas que os acompanharam na sua dôr e o fallecido á sua ultima morada, protestando a todos a sua sincera gratidão.

E convidam as pessoas das suas relações e amizade e do fallecido a assistir á missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso, que se rezará na igreja matriz d'esta freguezia, no proximo dia 23 do corrente, pelas oito horas da manhã.

Ovar, 21 de setembro de 1901.

Edital

João Carlos d'Assis Pereira de Mello, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, antigo deputado da Nação e Presidente da Camara Municipal do concelho d'Estarreja, etc.

Faço saber que, por deliberação da Camara Municipal da minha presidencia, a principiari no mez de setembro, inclusivé, a Feira de Santo Amaro, d'este concelho, se ha de effectuar duas vezes por mez, sendo a primeira no dia 15, como é costume, e a segunda no dia 30, e em fevereiro no ultimo dia do mez. A nova feira effectuar-se-ha n'estes dias, não sendo sanctificados, porque, sendo-o, realizar-se-ha no dia immediato.

A' nova feira devem concorrer todos os gados e artigos de commercio que costumam concorrer á antiga feira do dia 15. Estabelecendo-se a Feira de Santo Amaro quinzenal, a Camara attende não só ás muitas reclamações dos negociantes, que concorrem áquelle importante mercado, mas ainda aos interesses dos seus municipes.

Por deliberação da mesma corporação fica supprimida desde aquella data a chamada Feira dos Nove, que se effectua no logar da Areosa, da freguezia de Beduido, por o local ser improprio, attenta a sua exiguidade, a ponto de se tornar difficil e quasi impossivel o transito ali pelas diversas vias de comunicação que se cruzam no mesmo local.

O que se torna publico para conhecimento de todos, com este e outros de egual theor.

Estarreja, 8 de junho de 1901.

O Presidente da Camara,

João Carlos d'Assis Pereira de Mello.

OVAR

ANTONIO DA CONCEIÇÃO,
vende notas de expedição
de grande e pequena velocidade a 400 réis o cento.

TESTAMENTOS

DIVERSOS ANIMAES

Gallo	Burro
Cão	Cavallo
Porco	Boi
Gato	Coelho
Carneiro	Rapoza
Gallinha	Rato

A 10 RÉIS CADA UM

Empreza Liberal Editora

39, Rua do Jardim do Regedor, 41
LISBOA

HISTORIA DOS JESUITAS

POR
P. ZACCONE

Augmentada e coordenada por
Liberaes

portuguezes e brazileiros

Com gravuras

Edição popular

A mais barata!

Sob a protecção dos LIBERAES

Uma caderneta por semana

16 paginas com 560 linhas,

6:160 palavras, 23:620 letras

20 RS. EM LISBOA
E PORTO

PROVINCIAS 25 RS.

EDITORES—BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

LUCTAS D'AMOR

ROMANCE DRAMATICO

POR

MAXIME VALORIS

50 réis cada caderneta semanal
e cada vol. broch. 450 réis

AS DUAS MARTYRES

(annas secretos da inquisição)

Romance historico por

D. JULIAN CASTELLANOS

Cada caderneta de 4 folhas ou 3 folhas e
uma estampa, por semana, 40 réis.

Cada volume brochado, 400 réis.

LIVRARIA CENTRAL

DE

GOMES DE CARVALHO - Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

TUBERCULOSE SOCIAL

serie de pequenos romances

escriptos por

ALFREDO GALLIS

critica sobre os males sociaes.

OS CHIBOS

1.º volume a sahir.—Preço 500 réis.

A Gira Portugueza

POR

Alberto Bessa

Preço 500 réis

JOÃO CHAGAS & EX-TENENTE COELHO

Historia da Revolta do Porto

DE

31 DE JANEIRO DE 1891

Illustrada com cerca de 150 photogravuras — retratos, vistas, locaes, curiosos documentos e 30 reproducções, em papel de luxo, de photographias dos vultos mais notaveis do movimento.

Assigna-se aos fasciculos semanaes de 16 paginas, ao preço de **60 réis**, e aos tomos mensaes de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis — **pagos no acto da entrega.**

Pedidos á **Empreza Democratica de Portugal**, rua dos Donadores, 29, em Lisboa, e á **Agencia de Publicações do norte**, rua de Santa Catharina, 154, no Porto. Nas localidades da provincia. — em casa dos agentes.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA DO JORNAL «O SECULO»

43, Rua Formosa—LISBOA

GUERREIRO E MONGE

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

Grande edição de luxo, illustrada com numerosas gravuras em madeira e reproducção chimica, cuidadosamente revista e ampliada pelo auctor

UMA CADERNETA POR SEMANA 60 RÉIS

Um tomo por mez 300 réis

ATLAS

DE

Geographia Universal

PUBLICAÇÃO MENSAL

CADA FASCICULO 150 réis

RUA DA BOA-VISTA, 62-1.º ESQ.

LISBOA

DANIEL DEFOE

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS

DE

ROBINSON CRUSOÉ

Versão livre do DR. A. DE SOTTOMAYOR

Cada fasciculo 50 réis

LIVRARIA EDITORA—GUIMARÃES, LIBANIO & C.^a

108, Rua de S. Roque, 110—LISBOA

A. DA SILVA GAYO (DR.)

MARIO

GRANDIOSO

E

COMMOVEDOR ROMANCE HISTORICO

Episodios das luctas civis portuguezas (1820-1834)

Nova edição, luxuosa e profusamente illustrada
pelo distincto artista Conceição Silva

COLLECCAO DO POVO

Scientifica, artistica, industrial, agricola

Publicação mensal em vol. cartonados de 64 a 96 paginas
ao preço de 100 réis

Estão publicados os seguintes volumes:

Adubos chimicos e estrumes, por C. de Lima Alves.—*O Transwaal*, por Antonio Alves de Carvalho.—*Guia pratico de photographia*, por Arnaldo Fonseca.—*O Poderio da Inglaterra*, por José de Macedo.—*O Alcool e o Tabaco*, por Amadeu de Freitas.—*Pedro Alvares Cabral e o descobrimento do Brazil*, por Faustino da Fonseca.—*Tratamento natural*, (Physiopathia) 1.ª Parte: Hygiene, 1 vol. pelo dr. João Bentes Castel-Branco. 2.ª Parte: Therapeutica (medicação) 1 vol.

A sahir: *Almas do outro mundo*, por Amadeu de Freitas.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á **Livraria Editora.**

Antiga Casa Bertrand

JOSÉ BASTOS

73 e 75 —R. Garrett—73 e 75

— LISBOA —

A NOVA COLLECCAO POPULAR

HENRI DEMESSE

Os amores de Margarida de Borgonha

Grande romance d'amor, historico,
de capa e espada, illustrado com 217
esplendidas gravuras.

Cada caderneta de 3 folhas com 3 gravuras e uma capa illustrada

Preço 60 réis

HISTORIA SOCIALISTA

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada caderneta de 2 folhas de 8 paginas cada uma, in-4.º, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos, e uma capa illustrada

40 Réis

Uma caderneta por semana

Cada tomo de 10 folhas de 8 paginas cada uma, in-4.º, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos, e uma capa illustrada

200 Réis

Um tomo por mez

AVENTURAS PARISIENSES

Volumes mensaes de 144 paginas
com 24 gravuras 200 réis.

Por PIERRE SALLES

VOLUMES PUBLICADOS:

A Formosa Costureira

Coração d'Heroe

Honra por Dinheiro

Victorias do Amor

Vingança de Mulher

As Duas Irmãs

Luctas Intimas

A Hora do Castigo

SEGUE-SE:

Esposa e Mãe

EMPREZA

DA

Historia de Portugal

SOCIETDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descripção popular das raças humanas e do reino animal, edição portugueza larguissimamente illustrada.

60 réis cada fasciculo mensal e 300 réis cada tomo mensal. Assignatura permanente na sede da empreza.

E' agente em Ovar de todas as obras litterarias annunciadas n'este semanario, o snr. Silva Cerveira.